

BAUHAUS-SE: centenário do Design será lembrado até 2022 em Berlim

Richard Furst

Reportagem enviada pelo jornalista brasileiro Richard Furst, estabelecido em Berlim. Furst é um correspondente internacional independente que trabalha regularmente com a imprensa de Alemanha, Argentina, Brasil, Cuba, França e Israel. Como correspondente internacional morou no Oriente Médio de 2013 a 2016, quando se mudou para a Alemanha. Prepara o lançamento do seu primeiro livro, "Segundo Deserto".

BERLIM - "Menos é mais" está longe de ser uma descrição para a quantidade de atividades que estão sendo realizadas em Berlim para marcar os 100 anos da "casa da construção", a *Bau Haus*. Unida em única palavra, a expressão é iniciada em maiúscula porque em alemão tanto os nomes próprios quanto os comuns são assim grafados. Portanto, antes mesmo da famosa escola ser criada em 1919, o termo Bauhaus já era naturalmente conhecido como a "construção da casa", ou "casa da construção".

Hoje, "Bauhaus" somado a "Berlim" na internet são termos que resultam em uma série de comemorações do centenário da fundação da escola que influenciou o design, a arquitetura e a arte do século 20.

"Um aniversário também permite questionar certezas já alegadas e abordar temas de outras formas. A pesquisa sobre a Bauhaus é muito extensa e entra nos mínimos detalhes da história e do programa desta escola alemã. É desta forma que se percebe que há ainda muitas buscas", destaca a pesquisadora do Bauhaus-Archiv, a doutora alemã Andrea Bärnreuther. "Com o jubileu atual, as influências e diálogos internacionais, bem como o papel das participações das mulheres na Bauhaus, por exemplo, têm sido cada vez mais levados em consideração. E isso ainda é algo novo a se descobrir", alinha Bärnreuther.

A Bauhaus revolucionou o design moderno ao buscar formas e linhas simplificadas, definidas pela função do objeto. Foi uma das mais arrojadas escolas de arte, design e arquitetura e funcionou na Alemanha apenas durante 14 anos de 1919 a 1933. Foi na cidade de Goethe e Schiller, que começou a revolução do design: na histórica Weimar, a 300 Km ao sul de Berlim. Depois a escola Staatliches Bauhaus foi transferida para Dessau e, por último para a capital alemã. Em 1933, após uma série de perseguições por parte do governo nazista, a Bauhaus foi fechada, também por ordem do governo. Os nazistas opuseram-se à Bauhaus durante a década de 1920, tal qual a qualquer outro grupo que não seguisse sua extrema orientação política. Como forma de evitar a perseguição que se esperava com a chegada de Adolf Hitler ao poder, vários dos arquitetos, artistas e acadêmicos emigraram para os Estados Unidos, onde continuaram a dar aulas, como Josef Albers e o próprio Gropius.

Artista plástico e arquiteto nascido em São Paulo, naturalizado alemão, Alex Flemming é morador de Berlim há mais de 30 anos. Como observador inquieto do que se passou na Alemanha neste tempo, Flemming não só viu, como participa ativamente da vida artística da capital dos alemães.

Para o artista, a Bauhaus é uma ideia aglutinadora de muitas áreas humanas antes vistas separadamente. “Em Berlim, no Brasil ou em qualquer lugar do mundo as pessoas vêm’ a Bauhaus sem nem saber decifrar o que estão vendo, de tão influente que o movimento foi no mundo inteiro. Da arquitetura ao design passando pelo teatro e pela indústria, a Bauhaus foi a escola que previu que todas essas esferas do fazer humano poderiam viver harmonicamente”, exemplifica Alex Flemming.

As comemorações do centenário de fundação da Bauhaus tiveram início em dezembro de 2018 e seguirão até 2022, na entrega ao público da nova sede do Arquivo Bauhaus (Bauhaus Archiv), o principal centro de referência em Berlim sobre a escola. A maior parte dos eventos, contudo se concentra até o primeiro semestre de 2020. São encontros, discussões, exposições e lançamentos que acontecem por toda a Alemanha.

As lideranças envolvidas com as festividades tentam manter o foco no lugar onde tudo começou, em Weimar, a 300 quilômetros de Berlim (ou a 2h20 de trem) e também na cidade de Dessau, onde a Bauhaus se estabeleceu com força. Porém, é na pluralidade natural da capital alemã que muitas comemorações acontecem, longe dos holofotes, pelas ruas, nos teatros, universidades e até discotecas.

Programações não oficiais incluem as famosas baladas berlinenses que cruzam fins de semanas inteiros e recebem nas redes sociais na internet temas ligados à Bauhaus e até mesmo guias de turismo que percorrem Berlim num trajeto já marcado em mapas gigantes para encontrar as marcas do estilo ao longo da cidade. As atividades tentam incorporar diferentes grupos, idades e níveis da sociedade - algo que já acontece em Berlim com facilidade por não haver tanta divisão social para os eventos e um sistema de transporte que facilita o acesso do público vindo de diferentes partes da cidade ou do país.



Figura 1: Maquete das futuras instalações do Bauhaus-Archiv após a reforma e da construção do novo edifício para o museu. Foto do autor.

Como uma parte das comemorações, Weimar e Dessau, as primeiras cidades da Bauhaus, inauguraram novos museus em 2019. Berlim, por sua vez, reservou os próximos três anos para a realização de reformas e ampliações no Arquivo Bauhaus que já se encontra transformado em

um canteiro de obras (FIG. 1). Até lá as atividades do Arquivo serão desenvolvidas em um endereço temporário, apropriadamente denominado Temporary Bauhaus (FIG.2 e 3), instalado em Charlottenburg, região apontada pelos próprios berlinenses como a mais nobre entre as doze áreas nas quais Berlim está dividida.



Figura 2: Local temporário ocupado pelo Bauhaus-Archiv em Berlim durante as obras de reforma do espaço original. Foto do autor.



Figura 3: Vista do interior da Temporary Bauhaus. Uma linha do tempo e painéis ilustrativos contam para os visitantes um pouco da história da instituição

Ações de diversas naturezas têm sido realizadas na Temporary Bauhaus. Em um dos eventos, estudantes de moda puderam mostrar ideias que conceberam no ano do centenário orientados pelo professor Wowo Waldemar Kraus, do Instituto para experimentos têxteis e do design têxtil, da Universidade das Artes de Berlim, a UdK (FIG. 4). O evento apontou para a diversidade da Bauhaus na criação contemporânea, com artes performáticas e música. Apresentações de teatro inspirados por mestres da Bauhaus como Oskar Schlemmer também compuseram a gama de celebrações.



Figura 4: Alunos mostram suas criações inspiradas na Bauhaus em evento realizado no espaço temporário. Fotos do autor.

O estudante de Moda, Patrick Jun Engelmayer, 21 anos, de descendência alemã e japonesa teve a ideia de trazer um objeto que se tornou um dos maiores símbolos da Bauhaus: a cadeira tubular. Ao lado da colega de classe, Maïke Lauber, 20, foi criada a roupa Bauhaus, apresentada por outro estudante que trabalhou no processo e foi o primeiro modelo a vestir a criação. René Marques, 20, mal conseguia andar vestido com a criação, mas se disse feliz por participar de um momento marcante na história também da moda. (FIG. 5)



Figura 5: Aluno do curso de moda mostra roupa conceitual inspirada em cadeira tubular, uma das criações marcantes da Escola Bauhaus. Foto do autor.

Entre os estudantes participantes, as opiniões se dividem: “O poder de 100 anos não é o mesmo de hoje. Acho que a escola criada em Weimar, hoje se tornou algo conservador, uma instituição de rótulo”, desabafa Lukas Maximilian Mogowitz, 20 anos. A opinião da colega de faculdade, Valerie Neuner, 21, já segue em outra direção: “Bauhaus vai ser sempre uma referência, uma saída, forma, base. É sempre bom trabalhar com uma ideia que envolva as teorias de mestres que pensaram à frente de seu tempo”, acentua a estudante do segundo período de Moda, que também fez criações de roupas para celebrar o centenário.

Uma das linhas de empenho e pesquisa ligadas ao Arquivo Bauhaus é a “bauhaus imaginista” (escrita assim mesmo em minúsculas). Trata-se de uma narrativa das histórias internacionais da Bauhaus. Desde março de 2018, o projeto de pesquisa traça relações transnacionais, correspondências e narrativas que vão além dos anos em que a Bauhaus atuava como escola e revela seu significado para os dias atuais.

Marion von Ostern (FIG. 6), é curadora desta seção e trabalha na Direção Geral dos Museus de Berlim. Para a pesquisadora e professora de História da Arte, que esteve em São Paulo para difundir o trabalho da Bauhaus imaginista há um caráter simbólico para os museus em fazer trocas em meio ao nacionalismo existente nos dias de hoje. “Para este ser transcultural, como a Bauhaus não há leis de território. Eu procuro com este título ‘imaginista’, abrir para a arte, não como objetivação, mas de seguir como subjetivo, conta a curadora.



Figura 6: Marion von Ostern, curadora da Bauhaus imaginista. Foto do autor.

O Museu das Coisas (Museum der Dinge), instalado no Centro de Berlim, também preparou uma lista de eventos para marcar o centenário da Bauhaus. A instituição cultural reúne produtos dos séculos 20 e 21 e também abriga o arquivo do Deutscher Werkbund, organização que lutou, a partir de 1907, pelo design e qualidade do produto industrial.

Entre as iniciativas, da instituição está a exposição especial “Peça única e produzida em massa: perguntas sobre as linguagens de design da modernidade” que tematiza as interseções programáticas e as controvérsias em torno da forma contemporânea de bens cotidianos existentes entre a organização Werkbund e a Bauhaus no início do século 20.

A exposição evidencia a construção do que ficou conhecido como design moderno com sua estética limpa, um visual direto e simplificado, uma imagem de um estilo industrial de fato suave e tecnicamente sóbrio para os produtos do cotidiano. Certos objetos, como os móveis tubulares de aço ou a luminária Bauhaus de vidro e metal de Wilhelm Wagenfeld, tornaram-se ícones desse novo estilo definido pela máquina.

“As ideias relacionavam-se a uma produção industrial, mesmo que o objetivo de uma distribuição em massa naquele momento fosse atingido apenas no menor número de casos” conta Renate Flagmeier, curadora senior do Museu das Coisas. “Em particular, a educação em design foi fortemente influenciada pela tradição Bauhaus, na Alemanha, no período do pós-guerra até a década de 1970. A abordagem experimental, aberta, internacional e multidisciplinar foi crucial. Ainda hoje, este é um ponto de partida”.

O que é possível perceber do enorme conjunto de eventos programados por toda Berlim, é que eles não estão apenas celebrando o centenário da Escola Bauhaus, mas buscando trazer à tona, novamente, muitas de suas ideias, conceitos e propostas para analisá-las sob a perspectiva da atualidade. “O jubileu é uma forma de aprender também. é uma troca transcultural, troca transnacional. A arte é sempre uma forma de movimento” afirma Marion von Ostern.